

## Três facetas de uma escritora\*

Walnice Nogueira Galvão\*\*

### Uma pessoa inteira

De Simone de Beauvoir sempre vale a pena lembrar que, antes dela e de seus escritos, nada havia para orientar as mulheres em busca de esclarecimento quanto a sua condição e à diferença que sua condição implica.

Como modelo de vida, ora recebia aplausos ora restrições, dependendo da oportunidade e da companhia. E foi alvo de ataques cruéis em seu país. Mas se não fosse ela, nem saberíamos que certos assuntos que nos preocupavam eram dignos de reflexão. Porque, o que intuíamos mas não chegávamos a formular, só os assuntos masculinos eram universais e constituíam matéria nobre.

De uma pessoa tão espantosamente inteira, o mais que se pode fazer é focalizar as facetas, para tentar melhor apreendê-la.

### Solidária e só

Assim, por exemplo, embora o porte de sua figura o mereça, e até exija, é difícil considerá-la isolada de seu grupo geracional. Com efeito, ela, Sartre e a turma da revista *Temps Modernes*, intelectuais militantes de esquerda, mais existencialistas no imediato pós-guerra, mais *gauchistes* na seqüência, deixaram uma marca coletiva nas histórias do pensamento e da ação de seu tempo.

---

\* Recebido para publicação em setembro de 1999.

\*\* Escritora, Departamento de Letras, Universidade de São Paulo.

Três facetas de uma escritora

Mas ela abriu um caminho próprio e vincadamente original mesmo no seio de tão brilhante cenáculo. E por isso faz jus à identificação de um perfil singular que se destaca daquele múltiplo do grupo a que pertenceu, de quem tanto recebeu influências e a quem tanto influenciou.

### **Escrever e viver**

Pode-se dizer que a questão fascinante em sua obra vem a ser, de uma maneira complexa e sofisticada, a dos nexos não entre vida e ficção, como de praxe, porém entre literatura e autobiografia.

O percurso de Simone de Beauvoir, de tão fora do comum, arrebatou os leitores até à vertigem. O que escrevia era testemunho ou fantasia? Ao alternar o documentário e o romanesco sobre um mesmo recorte de tempo e um mesmo conjunto de eventos, dividia-se, como de hábito, entre dois livros. Um deles se oferecia como ficção e o outro como memórias: entretanto, a qual deles o leitor devia mais fé? Às vezes não era fácil comutar do pacto ficcional para o pacto autobiográfico, e vice-versa.

Ao narrar pela primeira vez e na craveira ficcional seu caso de amor com um escritor norte-americano quando em visita aos Estados Unidos, suscitou comentários à boca-pequena bastante malevolentes, para não dizer sexistas. Como por exemplo o de que esse amante *à clé*, que primeiro apareceu num romance, *Os mandarins*, só poderia ser Arthur Miller, o ex-marido de Marilyn Monroe, em certo discurso da época o único escritor macho o suficiente para dar conta de uma mulher como aquela. Não é de se menosprezar a sutil equiparação entre ambas, aliás. Ao fim e ao cabo, ao ser republicado posteriormente o episódio, como de hábito numa segunda vez, no modo das memórias, o amante não era Arthur Miller mas Nelson Algren, também escritor mas menos próximo dos holofotes da notoriedade hollywoodiana.

Dentre as muitíssimas coisas interessantes e provocadoras de sua vida e de sua obra, não ocupa o último lugar esse ziguezaguear entre a linha romanesca e a linha testemunhal.

### **Do escrito ao escrito**

Se bem atentarmos, veremos como norma submeter-se a debate os laços entre a ficção e a realidade, de um lado, e de outro lado entre autobiografia e trajetória de vida. Simplório demais para avaliar Simone de Beauvoir. Nela, tudo se passa como se o referente biográfico não interferisse, já que o confronto se estabelece entre escrito e escrito, e não entre escrito e vivido.

A pergunta que se coloca em casos semelhantes, a propósito de um romance, visa a precisar o quanto ele absorve de personalidades e incidentes, transfigurando-os; a propósito de uma autobiografia, o quanto ela mente e desmente a estória de vida.

Nada disso se aplica à obra de Simone de Beauvoir, onde o escrito é o referente do escrito, e mutuamente.

### **Uma pena múltipla**

O fato de se ter tornado *a posteriori* e ao que tudo indica um tanto surpresa a precursora indisputada do feminismo dos anos 70 obscureceu um pouco, e ainda obscurece, a importância do restante de sua obra.

Seja a vertente tratado, de que não só *O segundo sexo* mas também *A velhice* são protótipos, pela amplitude da pesquisa e pelo rigor da reflexão.

Seja a vertente autobiográfica, a qual, já começando bem com as *Memórias de uma moça bem comportada*, passando entre outros por *A força da idade* e *A força das coisas*, chega até aquele estupendo *A cerimônia do adeus*, que a tanta gente escandalizou; sem falar nas numerosas crônicas de viagem.

Três facetas de uma escritora

Seja a vertente ficcional, onde gostava de experimentar a mão, afeiçoando romances muito diferentes uns dos outros. Mas dentre estes podemos destacar os que, mesmo não as tematizando, perscrutam personagens femininas colocadas no embaraço daquilo que o destino lhes oferece – destino de mulher –, desde o primeiro de todos, *A convidada*, até os vários ulteriores. Ou tarefas ambiciosas como o painel da história mundial visto através de um homem privilegiado pela imortalidade, como em *Todos os homens são mortais*. Ou então aquele em que faz a radiografia, lúcida e impiedosa, da renomada geração intelectual francesa do pós-guerra, espécie de que *Os mandarins* ainda não encontrou igual.

### **O par**

A autoridade do modelo de sua aliança com Sartre era de tal ordem que os leitores, ao mesmo tempo que o acatavam, indagavam se seria viável caso houvesse filhos. Ou seja, ninguém duvidava que era exemplar, ou o caminho menos alienado possível na conjuntura para um casal se relacionar em alto nível, com respeito mútuo e com o mínimo de mentiras ou tolhimento da espontaneidade.

### **Contas feitas**

E, como ela mesma diria no título de um de seus livros, *contas feitas* (na tradução *Balanço final*), é impossível sonegar sua dedicação de militante. Não se furtou às causas de seu tempo, colocando-se na dianteira de manifestações contra as várias formas de opressão, a começar pela colonialista, e participando de todas as demais desde que fossem libertárias. Nessa paixão pela liberdade mostrou a garra existencialista. Foi assim que acabou envolvida tardiamente, no paradoxo que lhe conferiu a qualidade ao mesmo tempo de precursora e já monumento, no movimento feminista, a que deu todo o apoio.